



Cláudio Telles e Evandro Salles: críticas a este boom

Consumidores refinados

Não é fácil definir o segmento do público brasileiro que além de frequentar exposições, adquire também obras de arte. Mas os diplomatas são citados especificamente tanto pelo artista plástico Evandro Salles, como pelo galerista e senador Pedro Teixeira. Evandro, que diz ser o público consumidor local variado e circunstancial, menciona não só diplomatas brasileiros e estrangeiros, como ainda novos ricos, e em escalas pequenas, eventuais colecionadores.

Os diplomatas brasileiros são, de acordo com Pedro Teixeira, os maiores compradores de arte em Brasília. "Eles têm certo sentimento cultural. Para suas residências no exterior, levam obras de artistas contemporâneos brasileiros. Sabem o que querem", afirma. Salienta que os diplomatas estrangeiros não compram muito: "Aqueles que compram obras de arte brasileira preferem o naif".

Ele explica que isto se deve ao fato de não competirmos com a vanguarda, que no Primeiro Mundo encontra-se bastante adiantada. Assim, a opção dos estrangeiros recai na imagem do "Brasil de Terceiro Mundo". O senador acrescenta que as obras de "péssima qualidade"

que ocupam os espaços institucionais também vendem bem. Quem compra? "No Congresso Nacional, por exemplo, um lobista, para preencher seu próprio vazio ou levar de presente para alguém".

O artista plástico Ralph Gehre diz que vende para pessoas não ricas, mas de excelente formação intelectual. "Para quem não está atrás da compreensão das obras". O galerista Luiz Antônio Lobo aponta a classe média assalariada, os funcionários do governo, como os compradores de arte em Brasília. "Já os pintores mais caros, como Di Cavalcanti ou Portinari, vão para as mãos de pessoas que não necessariamente os apreciam. Querem apenas investir".

O perfil médio do consumidor, desenhado por Lobo, é de alguém com mais de 40 anos, com casa já montada e boa infra-estrutura. Ralph, em outras palavras, diz algo semelhante: "Quem já possui muitos objetos úteis". E acrescenta: "E pode comprar objetos inúteis, que com o tempo, supõe-se, poderão se transformar em objetos de utilidade afetiva".

O crítico e ex-galerista Cláudio Telles diz que em Brasília o sistema de vendas tem que ser muito facilitado. "O que acaba sendo bom para os artistas da cidade. Eles próprios facilitam o pagamento, e suas obras acabam circulando". (MSS)